

Medellín e Tradição eclesial latino-americana: educação e humanização

Medellín and latin-american ecclesial tradition: education and humanization

Recebido: 25/08/2019 | Aceito: 07/12/2019

*Francisco das Chagas Albuquerque**

Resumo: O artigo propõe uma hermenêutica da recepção do Vaticano II pela II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano como marco teológico e pastoral constitutivo da Tradição eclesial latino-americana e do Caribe. Desde então, mas considerando todo o caminho feito pela Igreja no tempo precedente, ela toma uma feição própria que a caracteriza, teológico e pastoralmente, a partir da inspiração evangélica fundamental: a opção pelos pobres. Todo o corpo eclesial poderá desempenhar a missão em múltiplas frentes de evangelização, em vista da humanização de homens e mulheres e da própria história. Um dos fundamentos e meio para se atualizar e prosseguir o itinerário eclesial que vem de Medellín é a ação educativa a partir do sinal dos tempos “emergência educativa”, a qual se apresenta como desafio e oportunidade para que a Igreja siga contribuindo com a humanização.

Palavras-chave: Medellín; Tradição eclesial latino-americana; Opção preferencial pelos pobres; Educação; Humanização.

Abstract: This article proposes a hermeneutic of the reception of Vatican II by the 2nd General Conference of the Latin-American Episcopacy as theological pastoral and constitutive guide for the Latin-American and Caribbean ecclesial Tradition. Since then, however considering all the way made by the Church from the preceding time, it has its own approach that theologically and pastorally characterizes it from the fundamental evangelical inspiration: an option for the poor. The whole ecclesial body can carry out the mission on multiple fronts of evangelization in view of the humanization of men and women and of its own history. One of the foundations and means for updating and continuing the ecclesial itinerary that comes from Medellín is the educational action based on the signs of time "educational emergency", by which it presents itself as a challenge and an opportunity for the Church to continue to contribute with the humanization.

Key-Words: Medellín; Latin-American Ecclesial Tradition; Preferential Option for the Poor; Education; Humanization.

* Doutor em Teologia Sistemática (Gregoriana, Roma, 2009). Professor de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. E-mail: chagaspresbitero@bol.com.br

Introdução

Na história do cristianismo, eventos eclesiais como concílios ecumênicos, sínodos e conferências gerais de episcopados constituem marcos decisivos tanto do ponto de vista dogmático-doutrinal como teológico e pastoral¹. O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) é o mais recente acontecimento eclesial em nível universal que provocou e ainda causa profundos impactos sobre a missão da Igreja e a reflexão teológica. A partir desse marco eclesiológico, difundiu-se a realização de conferências gerais dos episcopados nacionais² de cada continente. No caso da América Latina e Caribe, tais encontros acontecem desde 1955, quando se realizou a I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro. Mas foi a partir de Medellín, Colômbia (1968), que se põe em marcha formalmente a formação da Tradição eclesial latino-americana. Desde então, foram realizadas outras três conferências dessa natureza: Puebla, México (1979); Santo Domingo, República Dominicana (1992), Aparecida, Brasil (2007).

Este escrito trata do significado teológico e pastoral da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968), enfatizando seu papel na formação de uma nova visão da Igreja e sua missão nessa região do mundo ocidental. Entende-se que, com a recepção do Concílio Vaticano II pela Igreja desse continente, inicia-se o que aqui se denomina “Tradição eclesial latino-americana e do Caribe”³. Trata-se de uma nova etapa na história dessa Igreja. Medellín significou a “hora de esperança”, verdadeiro “acontecimento conciliar” (GUTIÉRREZ, 2013, p. 205). Aquele momento ainda hoje inspira o fazer teológico e a ação pastoral da Igreja. A orientação teológica de fundo, que então se inaugura, lança a Igreja em uma linha evangelizadora que se enraíza e se renova como caminho de permanente conversão e compromisso com a humanização. A partir dessa visão eclesiológica, propõe-se como um caminho de humanização a ação educativa, em sentido lato, como lugar de transmissão de valores em vista da formação de sujeitos construtores de uma sociedade em que haja mais justiça, vida digna e solidariedade⁴.

1 A esse respeito, dizia o Papa XXIII em carta à Comissão central preparatória do Concílio, datada de 12.06.1961: “De fato um Concílio é um acontecimento destinado a deixar marcas indeléveis na História da Igreja. Tem sido assim em todos os que já se celebraram, nessas vinte constelações que brilham na Igreja e que encantam e fascinam a mente na consideração de todas as grandiosas conseqüências delas derivadas no que diz respeito à pureza da doutrina, à santidade dos costumes, à piedade religiosa, à disciplina eclesiástica, ao impulso missionário... (JOÃO XXIII, 1967, p. 50).

2 Várias conferências episcopais tomaram iniciativas importantes para pôr em prática o Concílio, exercitando-se na experiência de colegialidade (SCATENA, 2007, p. 130-134).

3 Na verdade, a atuação de diversos missionário em diferentes lugares do continente, desde inícios do século XVI, comprometidos com a defesa da dignidade dos habitantes nativos ante os exploradores colonialistas, constitui de alguma maneira uma ação eclesial voltada para a libertação. São exemplos disso os dominicanos Antonio de Montesinos e Bartolomeu de las Casas, que foram enviados a pregar nas novas terras (DUSSEL, 1983, p. 91-115).

4 A evangelização diz respeito não só à salvação espiritual, mas também implica o envolvimento do ser humano com as realidades concretos do século. O apostolado deve ter em seu horizonte: “transformar os

1. Vaticano II e Medellín: gestação de nova etapa da história da Igreja e da evangelização na América Latina e Caribe

Os Concílios Ecumênicos, dizia São João XXIII, são sempre “atuação solene da união com Cristo e sua Igreja e conduzem, por isso mesmo, a uma irradiação da vida individual, familiar e social, ao robustecimento das energias espirituais, em elevação constante para os bens verdadeiros e eternos” (JOÃO XXIII, 1967, p. 108). Nesse horizonte de significado, o Vaticano II realizou um salto na compreensão da relação dos binômios: Igreja-mundo moderno, fé-história, vida cristã-sociedade, entre outros⁵. No entanto, não podia, por sua índole universal, responder às interpelações levantadas a partir de contextos com problemáticas concretas específicas, como era a situação dos países latino-americanos. Para que as intuições do Concílio fossem concretizadas no então chamado “Terceiro Mundo”, foi necessário que as Igrejas locais desenvolvessem o processo de recepção das grandes propostas do Concílio, de modo ousado e criativo. Nesse contexto, realizou-se a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.

Assim como, segundo K. Rahner, o Vaticano II significou o começo de uma atualização da Igreja em nível universal⁶, suscitada e conduzida pelo Espírito Santo, a Conferência de Medellín constitui, para a Igreja na América Latina e Caribe, um verdadeiro “Novo Pentecostes”⁷. Tornou-se passo decisivo para se iniciar uma nova etapa na história dessa Igreja. A Igreja desse Continente entendeu e praticou a recepção do Concílio desde seu primeiro momento, como se lê nesta afirmação proferida na abertura do evento: “Começa para a Igreja na América Latina *um novo período de sua vida*

homens de tal forma que aceitem uma conversão do pecado para a vivência da caridade, transformando assim o mundo e a sociedade em que vivem, e garantindo para mais tarde, por esse meio, a ressurreição futura na Cidade de Deus” (COMBLIN, 1967, p. 574).

5 A palavra de São João XXII, na sessão inaugural do Concílio, define qual será a postura da Igreja em relação ao mundo presente: “Em nosso tempo, a Esposa de Cristo prefere usar mais a medicina da misericórdia que a da severidade. Pensa que há de remediar os necessitados mostrando-lhes mais a validade de sua doutrina sagrada que condenando-os” (JOÃO XXIII, 1967, p. 112). Com propriedade, Sobrinho evoca a eficácia do “princípio misericórdia” para alcançar a humanização: “nada mais humaniza uma sociedade enferma do que deixar-se curar pelas vítimas, e agradecer-lhes por isso” (SOBRINO, 2009, p. 79).

6 O teólogo alemão exprime sua opinião global sobre o Concílio diz: “Na verdade, o Vaticano II estabelece um começo de ‘aggiornamento’, um princípio de renovação. Deu passos de penitência e de conversão, sempre, aliás, proveitosos. Mas isto é apenas o começo de um começo”. E acrescenta: “Mas, o Concílio é o começo de um começo de tal maneira que Jesus Cristo e Sua Igreja, de hoje e de amanhã, realmente nele se encontrem. Sim. É o começo de um começo para a Igreja da pura graça de Deus. Para a Igreja de nosso Senhor e Salvador” (RAHNER, 1966, p. 24).

7 Sobre o Concílio como obra do Espírito Santo, o Papa Bom afirmou, por ocasião do encerramento da primeira sessão do Concílio, “será verdadeiramente um ‘Novo Pentecostes’, que fará com que floresça na Igreja sua riqueza interior e sua extensão para todos os campos da atividade humana, será um novo passo adiante do Reino de Cristo em todo o mundo, um reafirmar de modo cada vez mais alto e persuasivo a alegre [boa] nova da Redenção, o anúncio luminoso da soberania de Deus, da fraternidade humana, da caridade e da paz prometida na terra aos homens de boa vontade, como resposta ao beneplácito celestial” (JOÃO XXIII, 1967, p. 123).

eclesiástica, em conformidade com o desejo de Sua Santidade o Papa Paulo VI. Período marcado por uma profunda renovação espiritual, por uma generosa caridade pastoral, por uma autêntica sensibilidade social” (BRANDÃO VILELA, 2008, p. 23, grifou-se).

O que se iniciou em 1968 tem sido reafirmado ao longo dessas cinco décadas, não sem dificuldades e até com reveses. Sabe-se que a Conferência de Puebla prolongou e afirmou com força a opção de Medellín, ainda que tenha encontrado oposições⁸. No entanto, o apelo a seguir operando a recepção do Vaticano II impõe-se sem cessar como empenho irrenunciável.

A Conferência de Aparecida entende a sacramentalidade eclesial na linha da 1ª Carta aos Coríntios. “A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (Dap 396). Esta sacramentalidade vai configurando um rosto novo de Igreja.

2. Tradição eclesial latino-americana: uma Igreja com rosto próprio⁹

Em primeiro lugar, deve-se esclarecer em que sentido se emprega o termo tradição. Entende-se por tradição a “transmissão vital do cristianismo, [...] por esta via, o cristianismo é possuído e tido em totalidade e como totalidade” (CONGAR, 1986, 26). Não se trata de transmitir um conteúdo inerte, mas uma realidade que encerra vida. A teologia abalizada afirma que a “Tradição não é pura transmissão mecânica de um depósito inerte. Ela implica em sua própria noção a entrega de um objeto por alguém que o possui e outro que passará a possuí-lo, e portanto a passagem de algo vivo a outro vivo. Ela é recebida em um assunto, e esse assunto é vivo” (CONGAR, 1986, p. 84). O que se recebe será vivido, tomando elementos daquele que lhe foi transmitido. “Um sujeito vivo coloca necessariamente alguma coisa de si mesmo naquele que recebe. Com ele, um ensinamento, seja pela palavra seja pelo exemplo, mesmo por um livro escrito, toma sempre um certo caráter de diálogo” (ibid. p. 84). Com efeito, “Tradição é a fé continuada e progredida, conservação e desenvolvimento” (id., 1984, p. 118). Essa tem sido a praxe no Cristianismo. Concretamente, tem-se, como fato recente e significativo, o Vaticano II e sua recepção pela Igreja na América Latina.

A reforma proposta pelo Concílio, como se disse há pouco, encontra em Medellín uma resposta de acolhida eclesial nítida e consequente, configurando um salto eclesiológico qualitativo. “Medellín rompeu nitidamente com a teologia apologética da Conferência do Rio e avançou para além do Concílio Vaticano II, ao interpretar, a partir da categoria soteriológica dos sinais dos tempos, a realidade social e eclesial do continente, especialmente o conflito entre opressão e libertação” (LIBANIO, 2007, p. 23). Mais que isso, doravante na esteira da Tradição eclesial¹⁰ que se forma a partir de Medellín, a teologia não será mais um “artigo exportado”. A América Latina “formulou

8 Depois de Puebla, o espírito de Medellín começou a dispersar-se (COMBLIN, 2009, p. 192).

9 Entende-se tradição, teologicamente, como a “ininterrupta autotransmissão da palavra de Deus no Espírito Santo por meio do serviço da Igreja e destinada à salvação de todos os homens [...] A *norma suprema* (norma suprema, norma non normata) da fé cristã e de sua tradição é exclusivamente a palavra de Deus, que se fez carne em Jesus Cristo e permanece presente no Espírito Santo, e não uma só de suas formas de testemunho” (POTTMEYER, 1994, p. 1019).

explicitamente sua reivindicação de uma teologia autóctone” (RAHNER, 1992, p. 34)¹¹. Tal passo implicou necessariamente mudanças (conversão) tanto no nível individual como comunitário. “Medellín soube de fato sugerir compromissos e abrir estradas em nível pessoal e comunitário, inspirar ou consolidar práticas, orientar escolhas de Conferências de Religiosos ou do mais numeroso Episcopado continental, a CNBB, que fez próprias as orientações pastorais com uma clareza desconhecida até então” (SCATENA, 2007, p. 528).

Os documentos de Medellín “representam o ‘ato de fundação’ da Igreja da América Latina a partir e em função de seus povos e suas culturas” (BOFF, 1998, p. 568). Em seu conjunto, expressam, de modo denso, o espírito que animou todo o processo de preparação, realização e posterior desdobramento da vida eclesial com rosto próprio. Trata-se, mais concretamente, do encontro de uma comunidade cristã continental que se conservou fiel à Palavra do Evangelho vivo, desde que chegaram aqui os primeiros missionários¹², que se atualiza à luz do Concílio.

O caminho que a Igreja assume, tanto do ponto de vista teológico como pastoral, para o nível universal no Vaticano II, encontra em Medellín uma situação muito concreta, conhecida de modo palpável pelos que fizeram acontecer essa Conferência. Na América Latina, o novo Pentecostes acontece não em um mundo do progresso e rico, mas em mundo de pobreza, fazendo a Igreja tornar-se uma Igreja conduzida pelo Espírito “a partir de baixo”, de modo kenótico (CODINA, 2018, p. 74). O documento *Pobreza da Igreja* mostra a clara consciência da Igreja quanto ao desafio de sua missão¹³. Refletindo a Constituição dogmática *Lumen gentium*, descreve a motivação central que deve levá-la a dar uma resposta diligente e audaciosa à urgência de então: “Cristo nosso Salvador, não só amou os pobres, mas ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da liberação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal de sua pobreza no mundo” (Pobreza 7b). Essa afirmação identifica, ao mesmo tempo, a opção dessa Igreja por ser uma Igreja pobre e dos pobres em espírito kenótico (Fl 2,6-11). Efetivamente, a *Lumen gentium* afirma que a Igreja, procurando assemelhar-se a seu

10 O termo tradição “vem do latim *traditio*, substantivo correspondente ao verbo *tradere*, transmitir, entregar” (CONGAR, 1984, p. 15). Frequentemente, o verbo *tradere*, latim, significa ensinar (ibid., p. 17).

11 O teólogo destaca que o Concílio proporcionaria a formação de uma pluralidade teológica na Igreja. A teologia latino-americana da libertação “não que ser o único modelo dessa teologia” (RAHNER, 1992, p. 34). A conferência de Medellín representou, de um lado, o marco da recepção do concílio pela Igreja da América Latina e do Caribe e, de outro, o acolhimento da Teologia da Libertação como uma maneira própria de se pensar a fé cristã nessa região do mundo. Nesse momento da história, desenvolvia-se um movimento de busca de superação das opressões e repressões nas sociedades latino-americanas. O concílio, por sua vez, determinou que a Igreja deve estar atenta aos sinais dos tempos, a fim perceber o que Deus lhe diz através da história da humanidade (ALBUQUERQUE, 2016, p. 292).

12 Congar (1964, p. 298) explicita a forma correta de se entender o nexo de Escritura e Tradição: “Na verdade, a Igreja não afirma verdade alguma baseada só na Escritura, nem unicamente pela Tradição sem as Escrituras”.

13 Neste documento particularmente, mas também todos os textos, a Conferência recolhe o Pacto das Caticumbas (SOBRINO, 2015, p. 109-121).

fundador, deve desempenhar sua missão “na pobreza e na perseguição”, realizando sua missão de “comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG 8c).

Nessa linha de compreensão, a recepção do Concílio pela Igreja da América Latina no evento conciliar de Medellín, significou a construção de uma “autonomia e dinamismo próprios, dando testemunho em todas as partes da radicalidade da mensagem evangélica” (LORA; ROMERO, 1989, p. 6)¹⁴. Pode-se bem entender essa Conferência como resultado de um processo histórico e “ponto de partida, do itinerário de um povo e de uma Igreja” (GUTIÉRREZ, 1989, p. 24).

3. Medellín e o novo dinamismo eclesial a ser prosseguido

O evento de Medellín é ponto de chegada de um movimento de colegialidade eclesial na América Latina¹⁵. Porém, é também um ponto de partida, enquanto continuidade de um processo de compreensão interpretativa do que a Igreja propôs em nível universal e que, então, foi assumido pela Igreja latino-americana nessa Conferência. Esse movimento eclesial, inserido em uma história em transformação, põs essa Igreja em dinamismo novo pela ação do Espírito Santo, o qual, realizando o que lhe cabe como Pessoa divina que guia a Igreja, atualiza continuamente o anúncio do Evangelho¹⁶. A presença do Paráclito no cristão, individualmente, e no corpo eclesial os faz ativos em proclamar a Palavra e testemunhar com a vida o Evangelho. Está posta em andamento o que se define como “Tradição eclesial latino-americana”, que deve ser bem entendida. A tradição é intrínseca à Igreja. Assim, se expressou Möhler (apud Congar, 1964, p. 147): “Sem tradição não há doutrina cristã, não há Igreja, mas somente cristãos isolados: não há comunidade, mas apenas indivíduos; não há certeza, mas dúvida e opinião”.

Ao mesmo tempo em que assume um modo de concretizar sua missão com características que lhe são peculiares, mantém-se em plena comunhão com a Igreja universal e seu magistério, não sem tensões, mas sem rupturas, conservando a unidade e catolicidade do corpo eclesial. Com efeito, a Igreja reúne a diversidade de seus membros que formam comunidades peculiares naquele que é Cabeça desse novo povo universal. “É Ele que congrega toda a Igreja, cada um e todos os crentes. É Ele o princípio de unidade na doutrina dos Apóstolos, na fração do pão e nas orações (At

14 Para verificar a ortodoxia da atualização da Tradição da Igreja, consideram-se os critérios de pertença e critério hermenêutico, nos seguintes sentidos: critérios de pertença à tradição vinculante: *consenso diacrônico* (antiquitas), *consenso sincrônico* (iniversalitas), *clareza formal*; critérios hermenêuticos para se determinar o sentido verdadeiro do que é dito: ulterior pesquisa histórica, importância salvífica (DV 8,11), hierarquia das verdades (UR 11); sinais dos tempos (GS 4) (POTTMEYER, 1994, p. 1019-1020).

15 No período histórico pré-Vaticano II, estavam em curso mudanças e movimento em vários âmbitos. No campo eclesial, havia os “movimentos de atualização teológico-pastoral”, que visam a um aprofundamento e renovação eclesial: movimento eclesiológico, movimento bíblico, movimento social, movimento litúrgico, movimento missionário (este superado por *Ad gentes*) (MARINS, 1979, 17-18).

16 A ação do Espírito Santo, seja quando reconhecida ou não, leva sempre à promoção da vida. Por isso, pode-se afirmar “ser Ele o responsável último pelo atual imperativo, percebido pela consciência cristã, de luta pela justiça, de libertação dos oprimidos, de transformação das estruturas sociais, de mudança das mentalidades pessoais, da opção pelos pobres etc.” (MIRANDA, 1998, p. 178).

2,42)” (LG 13). Nesse espírito de católica unidade, a Igreja volta-se para o que é essencial, que é-lhe próprio como servidora de Cristo e do Reino de Deus¹⁷.

Forma-se o rosto de uma Igreja que se constrói como efetiva conversão e mudança na estruturação da vida da Igreja. Esse espírito perpassa todo o acontecimento eclesial de Medellín, o que se verifica em todos os seus documentos¹⁸. J. Comblin emprega termos simples e diretos para exprimir o significado do tema dessa Conferência:

Podemos dizer que a opção pelos pobres está em todas as páginas do documento de Medellín. Era o tema que estava constantemente na mente dos bispos. Podemos dizer que o tema de Medellín foi a pobreza. É algo extraordinário, único na história da Igreja. Jamais uma assembleia de bispos havia posto no centro de suas preocupações o problema da pobreza como desafio para a Igreja e para eles mesmos (COMBLIN, 2009, p. 190-191).

Com essa opção evangélica, atualiza-se o sentido fundamental, conforme os Atos dos Apóstolos, da existência de Jesus Cristo, que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10,38); “que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em favor de muitos” (Mt 20,28). Definitivamente, essa Conferência promove uma mudança de paradigma para a vida eclesial na América Latina (SAAVEDRA, 2011, p. 26). Faz-se verdade o que diz a Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a realização da missão sob a bandeira do Cristo pobre e perseguido.

Portanto, essa Tradição eclesial, no sentido mais próprio do termo, em termos de dar sentido vital ao Magistério recente, remonta à recepção do Concílio, constituindo uma Igreja Povo de Deus (LG 9-17). Esse eclesial procura seguir o Cristo pobre pondo-se a serviço da humanidade a partir da humanização dos deserdados e marginalizados e da história da qual fazem parte. Dentre os diversos âmbitos de atuação nos quais a Igreja comprometida pode contribuir com a humanização, encontra-se a educação.

4. A educação fundamento e caminho de humanização

17 O documento de Medellín apresenta várias razões que afirmam o caráter extraordinário da conferência: “dedica-se à missão da Igreja na terra para servir neste mundo e não para mandar; a Conferência teve os compromissos assumidos por um grupo de bispos no famoso Pacto das Catacumbas, que era fundar uma Igreja que fosse dos pobres; muitos dos bispos presentes já estavam fazendo em suas dioceses o que haviam prometido nas Catacumbas” (COMBLIN, 2009, p.171).

18 Entre os 16 documentos das conclusões de Medellín, há os que tratam de temas que são exatamente os mesmos abordados pelo concílio. No entanto, há outros que dão a direção própria do espírito dessa recepção do Vaticano II. São os mais significativos, pois refletem sobre a missão da Igreja no contexto latino-americano, documentos sobre a justiça, a paz, o cuidado pastoral das massas e a pobreza da Igreja (PIKAZA.; SILVA, 2015, p. 152-153).

Para os antigos gregos, a educação era concebida como “arte”. Tal concepção depois se estendeu ao mundo romano, sendo, então, tomada pelo cristianismo e chegando até o tempo moderno. Ocorreram, porém, transformações importantes, “principalmente no que diz respeito à concepção da criança e do ser humano em geral” (TARDIF, 2002, p. 154). Nos séculos XIX e XX, essa ideia foi cedendo lugar à concepção da educação como ciência. No entanto, no final do século XX, alguns procuraram voltar à antiga noção grega do trabalho educativo como arte (ibid., p. 154). Segundo o entendimento grego antigo, “o objetivo da educação não é formar uma criança, mas um adulto, assim como o objetivo do jardineiro não é plantar uma semente, mas fazer desabrochar a rosa: é a rosa completa e acabada que constitui a verdade da semente e, portanto, o sentido final da arte do jardineiro” (ibid., p. 160)¹⁹. Ajunta-se a essa noção a perspectiva humanizadora da educação, que se define como “um *medio* a serviço de um determinado projeto de homem e de sociedade” (ARRUDA, 2005, p. 27). O significado humanizador da educação tem sido reiterado no contexto da missão da Igreja e de seu papel na sociedade (SILVA, 1997, p. 12), salientando-se sua relevância para o desenvolvimento do ser humano em sua globalidade. “A evangelização e a educação em todas as dimensões da vida busca o desenvolvimento integral das potencialidades do homem. É uma educação essencialmente libertadora porque implica até mesmo a inserção do homem na vida política, aceitando os desafios que essa participação exige” (SILVA, 1997, p. 12).

Toda proposta educativa pressupõe uma noção de ser humano, sendo, dessa maneira, “um *medio* a serviço de um determinado projeto de homem e de sociedade” (ARRUDA, 2005, p. 27)²⁰. A educação que a Igreja desenvolve está ancorada em um pressuposto antropológico fundamental. Todo ser humano, por desígnio divino, destina-se a atingir a maturidade humana que se nos revela plenificada no Cristo pascal, “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). A meta é que “alcancemos todos a medida da idade madura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Há um caminho a percorrer que é o próprio “crescimento em humanidade” (PP 15, 16, 18), que conduz o ser humano a “reproduzir a imagem do Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29). A humanização está intrinsecamente ligada à atualização do ser imagem do Cristo pascal, que é “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), em vista de se obter o

19 Fala-se também do modelo de educação transformadora, que propõe o diálogo chave do processo educativo. “A educação dialógica reconhece o papel ativo dos educandos na construção de seu próprio conhecimento como uma mutação de seu ambiente social. Este modelo se interessa basicamente pelo processo educativo, em sua capacidade transformadora e geradora de sentido” (DRUETTA, 2014, p. 131). “Na compreensão e aplicação da educação libertadora se poderia encontrar os elementos para uma renovação autêntica da motivação dos educadores e das próprias estruturas educacionais” (SELADOC, 1987, p. 188). A adequação dessas estruturas deve ter, como referência fundamental, a visão de ser humano que o projeto educativo encerra.

20 Esse economista, que relaciona economia à educação, ressalta o papel da educação das práxis, em vista de uma concepção de emancipação do trabalho humano, do desenvolvimento e da economia. Sustenta que a “educação da práxis se contrapõe aos processos educativos hoje hegemônicos e ao mesmo tempo os supera, em uma perspectiva construtiva e constitutiva de seres humanos integrais, ou seja, ao mesmo tempo individuais e sociais, materiais e imateriais, capazes de ser sujeitos de sua existência pessoal e social e em todas as dimensões física, mental, psíquica, emocional e espiritual” (ARRUDA, 2005, p. 32).

desenvolvimento do ser humano. A partir dessa fundamentação teológica, Medellín delinea sua proposta para a educação.

O documento *Educação*, como os demais documentos dessa Conferência, se pauta pelo espírito profético e propositivo-constutivo, visando à humanização do ser humano em todas as suas dimensões. Não se trata de fazer aqui uma análise exaustiva do documento, mas apenas de destacar a orientação fundamental do texto enquanto reflexão que visa a orientar a missão da Igreja no campo da educação. Ao tratar das orientações pastorais, esse documento reporta-se à Declaração *Gravissimum Educationis* do Vaticano II, que lembra serem os pais e mães de família “os primeiros e principais educadores” (GE 3) e recomenda que o ensino da Teologia deve ser oferecido em todas as universidades católicas (GE 10 e 11). No horizonte da reflexão da Conferência, propõe-se uma “educação libertadora”, que procura tornar o educando um adulto, sujeito no processo de formação e capaz de compromisso, justiça e a paz, em ordem à humanização de todos. A educação leva o jovem a se tornar “sujeito de seu próprio desenvolvimento” (Med 4,2).

Em primeiro lugar, constata a situação de crise da educação nos países latino-americanos (Med 1-6), que se caracteriza por vários dualismos. Denuncia o analfabetismo como situação “inumana”. Por outro lado, esclarece que o enfrentamento dessa escravidão é “uma responsabilidade de todos os homens latino-americanos” (Med 4, 3)²¹. Considera as diferentes formas de educação – a sistemática ou formal, a assistemática, a educação popular, por exemplo –, salientando que essa última ganha especial atenção dada a importância crescente dos meios de comunicação social, por meio dos quais esse modo de educação se desenvolve mais efetivamente²². Define qual é o papel da educação na América Latina.

A educação latino-americana, numa palavra, é chamada a dar uma resposta ao desafio do presente e do futuro em nosso continente. Somente assim será capaz de libertar nossos homens [e mulheres] das servidões culturais, sociais, econômicas e políticas que se opõem ao nosso desenvolvimento. Quando falamos assim, não perdemos de vista a dimensão sobrenatural que se inscreve no próprio desenvolvimento e que condiciona a plenitude da vida cristã (Med 4,7).

Em profunda sintonia com essa visão de educação, está o documento de Puebla, no qual a Igreja confirmou o sentido libertador da educação (Pb 1033) e estabeleceu em

21 Deve-se ter consciência de que já naquele momento, esse documento recebeu sérias críticas no âmbito eclesial. Tais críticas não levavam em conta que a proposta de Medellín para a educação é um ponto de partida e que os documentos da conferência devem lidos com um “forte convite à conversão pessoal” (EQUIPO SELADOC, 1987, p. 184).

22 Considere que naquele momento ainda não estava em uso o sistema EAD, que hoje constitui uma das maneiras da educação formal, enquanto ensino e/ou instrução se realizar, inclusive com aumento constante dos cursos oferecidas nessa modalidade.

que deve consistir a educação evangelizadora. Apresenta como primeiro aspecto: “humanizar e personalizar o homem, para nele criar o lugar onde possa revelar-se e ser escutada a Boa Nova: o desígnio salvífico do Pai em Cristo e na sua Igreja” (Pb 1027)²³. Em Aparecida, a Igreja latino-americana reiterou a importância da educação na humanização e personalização dos jovens.

A educação humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e em iniciativas de comunhão com a totalidade da ordem real. Dessa maneira, o ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história (DAp 330).

Confirma-se, portanto, igualmente o sentido da educação cristã como processo educativo centrado na pessoa do educando em vista de sua humanização, como ponto de partida para a humanização da história como realidade objetiva.

5. Atualizando a proposta de humanização de Medellín a partir da educação²⁴

O horizonte fundamental para a educação proposto em Medellín foi reassumido pela Igreja latino-americana nas conferências gerais posteriores. Agora, em tempos de um renovado *aggiornamento* do Vaticano II e na perspectiva do paradigma missionário de uma Igreja “em saída” (EG 27-29), reafirma-se o sentido humanizador da educação, enquanto essa contribui decisivamente para a construção da personalidade do ser humano.

Em 2014, a Pontifícia Comissão para a América Latina na Reunião Plenária de Conselheiros e Membros tratou do tema: “La emergencia educativa y a traditio de la fe a las nuevas generaciones latinoamericanas”. O trabalho teve como objetivo encontrar caminhos para a “evangelização e educação da juventude latino-americana” (PONTIFICI COMISIÓN, 2014, p. 11). A Comissão fazia, assim, ecoar a Jornada Mundial da Juventude realizada no Rio de Janeiro em 2013, com a presença do Papa Francisco.

O texto final resultante desse encontro valoriza especialmente o magistério do Episcopado Latino-Americano, remetendo-se sobretudo ao Documento de Aparecida, mas também à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*.

23 Em Santo Domingo, ressaltou-se a antropologia pressuposta em todo projeto educativo cristão. Há um projeto de homem encerrado em todo projeto educativo; e esse projeto vale ou não segundo construa ou destrua o educando (SD 265). O mesmo documento trata também da identidade do professor cristão. “O mestre cristão deve ser considerado como sujeito eclesial de evangelização, que catequiza e educa cristãmente. Tem uma identidade definida na comunidade eclesial. Seu papel deve ser reconhecido na Igreja” (SD 265). Seção dedicada ao tema educação: n. 263-286.

24 Enquanto trabalho elaborando esse texto, realiza-se em Roma o Sínodo sobre a Juventude. Seguramente, a exortação daí resultante trará contribuições de alta relevância à evangelização das juventudes, salientando o lugar preponderante da educação. Com isso, o tema tratado neste artigo poderá ser atualizado, aprofundado e enriquecido enormemente. Que assim aconteça. O Sínodo se realizou no Vaticano de 03 a 28/10/2018, tendo como tema central: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

Na oportunidade, o Papa Francisco propôs três pautas consideradas como emergências educativas para a formação dos jovens na América Latina. 1. Educação implica transmitir não apenas conhecimentos e conteúdos, mas também valores. “A transmissão tem que ser de conteúdos com valores, valorações e hábitos, hábitos de conduta” (PONTIFICI COMISIÓN, 2014, p. 11). 2. Propor um método para que o jovem saiba lidar com sua utopia, relacionando-a e harmonizando-a com a memória e o discernimento. A construção da utopia inclui a memória do passado, o presente e o futuro. “O jovem tem que receber a memória e plantar, arraigar sua utopia nessa memória. Discernir no tempo presente sua utopia, os sinais dos tempos, e aí sim a utopia vai adiante, mas muito arraigada na memória, na história que recebeu” (ibid., p. 12)²⁵. 3. Situar a ação educativa no contexto da pós-modernidade, acentuando *a cultura do descarté*. “Hoje em dia, pela economia que se implantou no mundo, a qual tem como centro o deus dinheiro e não a pessoa humana, tudo o mais se ordena [em torno desse deus] e o que não cabe nessa ordem se descarta” (p. 13). Diante desse tripé orientador para a tarefa educativa, Francisco lança a seguinte questão: “Quando a utopia cai no desencanto, qual é a nossa contribuição? A utopia de um jovem entusiasta, hoje em dia está resvalando para o desencanto. Jovens desencantados aos quais se deve dar fé e esperança” (p. 15)²⁶. Essa interpelação é um convite a se considerar de modo amplo a realidade das juventudes, incluindo os aspectos psicossociais e históricos das origens das utopias, que não será abordado neste espaço, mas apenas se assinala sua importância em educação²⁷.

Nessa época de gerações de jovens “nascidos digitais” e de “*homo zappiens*”²⁸, a maior dificuldade apontada pelo Papa Francisco no trabalho educativo é o “fechamento ao transcendente”. Por isso, na educação cristã, deve-se acentuar a abertura a essa dimensão, ajudando os jovens a crescerem na compreensão e prática dos valores

25 Em sete de seus 16 documentos, Medellín alude aos “sinais dos tempos”, procurando decifrá-los “a partir dos seus sujeitos preferenciais de Deus” (SUESS, 1998, p. 854).

26 A ação educativa no mundo pós-moderno implica situar-se na era digital. Nesse sentido, talvez uma das perguntas mais desafiadoras para os educadores trate do uso das modernas tecnologias na prática educativa. Considere-se a afirmação: “É nosso desafio seguir sustentando uma bússola pedagógica que nos oriente sobre quando se justifica, em termos éticos, políticos, didáticos, cognitivos e sociais, incorporar tecnologia na sala de aula para favorecer processos ricos na construção do conhecimento” (LION, 2005, p. 211).

27 Significativo trabalho analisa amplamente o tema utopia: LIBANIO, 1989.

28 As novas gerações estão profundamente marcadas pelas novas tecnologias da informação, pelos avanços da era digital. A nova cultura que vai se formando não deve ser vista como ameaça à vida dos jovens ou como obstáculo intransponível no trabalho educativo. Há significativas posições sobre este assunto. “O *Homo zappiens* não apenas representa uma geração que faz as coisas de maneira diferente - é um expoente das mudanças sociais relacionadas à globalização, à individualização e ao uso cada vez maior da tecnologia em nossa vida. Neste sentido, considero os valores e o comportamento do *Homo zappiens* uma oportunidade para nos ajudar a dar nova forma à educação do futuro. Em vez de considerá-los uma ameaça e de negligenciar suas práticas, sugiro que olhemos para os valores dessa geração como uma fonte de inspiração e orientação para ajustarmos nossos sistemas educacionais ao melhor atendimento das necessidades de nossa sociedade futura” (VEEN; BEN, 2009, p. 2).

humanos. “Educar no espírito cristão é levar adiante os jovens, as crianças nos valores humanos em toda a realidade, e uma dessas é a transcendência” (FRANCISCO, 2016, p. 166)²⁹. Por conseguinte, insiste o Pontífice, em outro momento: “Educar humanamente, mas com horizontes abertos. Todo tipo de fechamento não serve para a educação” (ibid., p. 167). A ação educativa deve ter hoje seus objetivos ampliados com a “educação ambiental”. A esse respeito, na carta encíclica *Laudato si'*, o Papa afirma categoricamente:

Se, no começo, esta [a educação] muito centrada na informação científica e na conscientização e na prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir uma crítica dos “mitos” da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. A educação deveria dispor-nos para dar esse salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo (LS 210).

Diante desse desafio, a educação se torna cada vez mais caminho para o compromisso com a vida não só dos indivíduos e dos seres humanos em sociedade, mas também terá que ampliar suas finalidades, alcançando o aspecto da ecologia, o cuidado com a Casa comum.

Ainda considerando o trabalho da Pontifícia Comissão para a América Latina, o texto chama a atenção para a inadequação de modelos educativos no continente que se “centram prevalentemente na aquisição de conhecimentos e habilidades”. Além disso, “denotam um claro reducionismo antropológico visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado” (DAp 328).

A Igreja está diante de um novo “continente” virtual que “foi criado pela Internet e as redes sociais” (PONTIFICI COMISIÓN, 2014, p. 197-198). A cultura digital é, cada vez mais, ampla e a Igreja deve conhecê-la vendo-a “em suas oportunidades providenciais para difundir o Evangelho e também em seus limites” (ibid., p. 198)³⁰. Fazendo uso desses meios a partir da rica experiência dos jovens, pode-se “despertar e acrescentar a esperança, porque levam em si as novas tendências da humanidade e nos abrem ao futuro, de maneira que não fiquemos presos a nostalgias de estruturas e costumes que já não são canais de vida no mundo atual” (EG 108).

Interpelação por demais grave se levanta da situação de jovens marcados pela situação de desigualdade social. Reportando-se à intuição de São João XXIII, ao

29 Nesse contexto adverso à educação, lançou-se o tema “emergência educativa”, por iniciativa do Papa Bento XVI (PONTIFICI COMISIÓN, 2014, p. 184).

30 Pedagogos contemporâneos consideram fundamental a distinção de instrução e educação para se superar os obstáculos do mundo pós-moderno à ação educativa. “A instrução não é, por si mesma, um problema. Ou se converteu em um problema, precisamente, porque está desengajada de uma educação, que ficou mal feita por todas as crises vividas desde o nascimento da Modernidade e seu projeto racionalista até sua fragmentação pós-moderna” (AGEJAS ESTEBAN; GARCÍA RAMOS; RUIZ VARELA, 2018, p. 198).

convocar o Concílio Vaticano II, a Comissão afirma: “Uma Igreja pobre e para os pobres tem que ser companhia especial de todos os jovens e são tanto na América Latina!, que vivem em condições de pobreza e indigência” (PONTIFICI COMISIÓN, 2014, p. 198). Esses jovens, que frequentam escola de baixo nível de qualidade, vivem em condições de marginalização e “descarte”, a exemplo da juventude indígena. Fica a pergunta a ser respondida. “Como a palavra e as obras da Igreja se convertem em clamor profético pela dignificação desses seres humanos e a construção de sociedades mais fraternas para todos?” (ibid., p. 199). Por fim, ressalta o compromisso social e político da educação e o papel ativo da juventude nesses âmbitos. “A Igreja tem que ser educadora de novas gerações juvenis que vivam seu cristianismo como serviço à sociedade, protagonista da construção de condições de paz e justiça, solidariedade e fraternidade em todos os países da América Latina” (ibid., p. 199). A mesma comissão atribui à juventude que recebe uma educação verdadeiramente cristã papel relevante na humanização da sociedade. Para tanto, é necessário que a Doutrina Social da Igreja seja incorporada no “discipulado juvenil”, proporcionando aos jovens o crescimento com consciência clara das dimensões sociais e políticas do Evangelho. Séria atenção deve ser dada aos jovens para que não percam o interesse e o ânimo diante do “crescente desencanto pela política e particularmente pela democracia” (DAp 77).

Está evidente que educar as juventudes, visando ao desenvolvimento de cada jovem em todas as suas dimensões e exigências, por meio do conhecimento e experiência da riqueza do Evangelho, é um chamado desafiador para todos os que são Igreja na América Latina.

Diante dos vários aspectos relativos à educação vistos no que foi exposto, deve-se tomar consciência também do documento pontifício que dispõe sobre a educação nas Universidades e Faculdades Católicas. Em conformidade com o objetivo deste escrito, cabe destacar princípios norteadores e bases de inspiração para o projeto de educação cristã.

6. Critérios da educação humanizadora

A Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* sobre as Universidades e Faculdades Católicas apresenta três critérios em vista da renovação e relançamento da contribuição dos estudos oferecidos por instituições católicas “para uma Igreja missionária em saída” (VG 4). Essa Constituição traz determinações claras sobre a educação oferecida por essas instituições, como lugares onde se desenvolve a formação dos quadros da Igreja destinados ao exercício de vários ministérios. No entanto, dada sua importância no conjunto da educação superior e formação de cristãos para a missão evangelizadora, seus critérios podem ser tomados como princípios gerais e marcos de inspiração para a tarefa educativa vista no campo da ação evangelização em suas múltiplas formas.

O critério prioritário e permanente que o documento oferece consiste na contemplação e introdução espiritual, intelectual e existencial centrada no Evangelho.

Desse encontro, brota a experiência de viver a “mística do nós” em Igreja, fazendo germinar a fraternidade universal, que deve chegar à “opção pelos últimos”. Tal opção pressupõe “escutar no coração e fazer ressoar na mente o clamor dos pobres e da terra”. A opção pelos pobres “deve impregnar a apresentação e o aprofundamento da verdade cristã”. Imperativa é a necessidade de descobrir na criação a marca trinitária, desenvolvendo, a partir desse reconhecimento, uma “espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (VG 4a).

O segundo critério se pauta pela atitude de diálogo sem reservas, “como exigência intrínseca para fazer a experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas”. Com isso, a educação visa a exercitar e fazer crescer a cultura do encontro já em andamento no âmbito das Igrejas cristãs e com as outras religiões. Dessa maneira, deve-se realizar uma “evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas” (VG 4b).

O terceiro critério consiste em estabelecer a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade à luz da Revelação. Objetiva-se enriquecer o estudo dos conteúdos da formação teológica com outros saberes, formando uma pluralidade harmoniosa e dinâmica. Com isso, estabelece-se o método para garantir a coesão do conhecimento próprio da formação teológica, mas também diz respeito ao “panorama atual fragmentado e muitas vezes desintegrado dos estudos universitários e ao pluralismo incerto, conflitual ou relativista das convicções e opções culturais”. O princípio de interdisciplinaridade proporciona tanto a multidisciplinaridade, que possibilita a compreensão de um objeto de estudo a partir de diferentes pontos de vista, como a transdisciplinaridade. Por meio desta última, entram em relação, como fermento mútuo entre eles, “os saberes dentro do espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que dimana da Revelação de Deus” (VG 4c).

O quarto critério refere-se ao necessário estabelecimento de redes entre as diversas instituições que promovem os estudos eclesiais, que deverá resultar no desenvolvimento de centros especializados de pesquisas em torno de problemas que desafiam a humanidade. Abre-se caminho para se considerar a historicidade do ser humano e sua fé e a variedade e riqueza das culturas. “Nos vários povos que experimentam o dom de Deus segundo a sua própria cultura, a Igreja expressa a sua autêntica catolicidade e mostra a beleza deste rosto pluriforme”. Tenha-se ainda em consideração que no atual estágio da história, “a teologia deve afrontar também os conflitos: não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo inteiro” (VG 4,d).

Sendo tanto plausível como válido o significado desses critérios da *Veritatis gaudium* enquanto inspiração de fundo e base norteadora para a ação educativa da Igreja, entende-se melhor as palavras do Papa Francisco nessa constituição sobre a educação. Segundo o Pontífice, toda a ação educativa levada a efeito pelas instituições eclesiais há que se reger pelo princípio normativo da vida e do pensamento cristão: o

princípio da encarnação, demonstrado no início da consideração do documento. Esse princípio está assim formulado:

As questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas, preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos de fato levar a sério o princípio da encarnação. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos, as suas questões interrogam-nos. Tudo isto nos ajuda a aprofundar o mistério da Palavra de Deus, Palavra que exige e pede que se dialogue, que se entre em comunhão (VG 5).

Trata-se de desenvolver e propor uma prática educativa que considere a vida e as necessidades dos povos e pessoas que anseiam por uma sociedade mais humana, como realização do desígnio salvífico do Criador.

Finalmente, cabe uma referência ao aspecto pedagógico, tão essencial na educação. Na concepção de educação libertadora, a proposição de valores cristãos constitui o eixo fundamental da proposta pedagógica, um valor que se impõe como absoluto, princípio gerador e sustentador do processo libertador. De acordo com J. B. Libânio, há um valor pedagógico absoluto: “O seguimento de Jesus, eis o valor absoluto. Mas nem isso anula a historicidade dos valores, pois esse ponto absoluto, desde onde justifica teologicamente a reivindicação de validade de valores, é ele mesmo histórico. A vida de Jesus não fornece fórmulas que poupem o trabalho de justificar a validade dos valores a cada época” (LIBANIO, 1983, p. 131)³¹. O autor logo reconhece, no entanto, a dificuldade de operacionalização dessa proposta educativa, pois entende que a “educação para os valores necessita enfrentar o fator impactante da racionalidade científica e da tecnologia moderna sobre eles” (ibid., p. 136). O desafio que existe nessa tarefa não pode ser ignorado. Dessa maneira, torna-se imprescindível “articular as contribuições da racionalidade específica, tecnológica e a originalidade, ética marcada e orientada por valores, da decisão humana” (ibid., p. 137). Sustenta que essa articulação fará frente à força demolidora dos valores.

De fato, o impacto da racionalidade científica e tecnológica somente é destruidora dos valores ético-religiosos, na medida em que um trabalho educativo de articulação entre os dois não seja realizado. Em todo esse trabalho de Educação, permanece de absoluta importância a volta permanente aos últimos valores humanos, sobretudo a justiça social, do convívio humano, do respeito às liberdades pessoais e aos direitos políticos e sociais, da dignidade da pessoa, de sua necessária dimensão intersubjetiva, da exigência incontornável do bem comum, de modo especial do mais fraco, marginalizado, indefeso (LIBANIO, 1983, p. 137-138).

31 O autor oferece elementos de teologia da educação libertadora, que aqui, por questão de espaço não desenvolvemos. Ver: LIBANIO, 1983, p. 143-165.

O teólogo crê na força propulsora que tem a realidade, conhecida e assumida, de enfrentar os entraves que o jovem encontra ao deparar com os inúmeros problemas advindos da pós-modernidade midiática. De fundamental importância é a atitude de lucidez, que pertence ao mundo da luz, compreendendo-se a palavra lucidez por meio de sua raiz. A partir dela, toma-se uma posição de enfrentamento. “As trevas vêm dos engodos, as ideologias enganadoras, dos imaginários introjetados sem crítica. Muitos fatores inibem. No entanto, a realidade tem força terapêutica”. Atribui-lhe essa capacidade por considerar que a realidade apresenta “situações que nos sacodem e despertam”. Insiste: “A questão está em tomar a dupla atitude de crítica aos empecilhos e reforço dos elementos proporcionadores de lucidez” (LIBANIO, 2001, p. 147-148).

Considerações finais

O caminho que Igreja Latino-Americana percorreu a partir da Conferência de Medellín, marco conciliar que dá início à formação da Tradição eclesial latino-americana, aprofundou-se ao longo destas quatro décadas. Essa Igreja tem reiterado a “opção preferencial pelos pobres” como compromisso que se expressa em sua organização pastoral e em sua estrutura institucional interna, que implica também a contribuição da reflexão teológica. Daí o desenvolvimento de uma teologia própria, elaborada a partir do compromisso e escuta dos sem voz e marginalizados e do clamor da Casa comum.

Em que pese os fatores positivos e avanços concretizados em alguns setores das sociedades desse continente ao longo dos anos, as intuições e orientações para a vida eclesial emanadas de Medellín continuam válidas para a ação evangelizadora no século XXI. Os temas refletidos nessa Conferência e horizonte fundamental de evangelização, como humanização, ainda se fazem presentes no percurso do corpo eclesial de várias igrejas particulares. Esse movimento, guiado pelo Espírito Santo, formando o que se denominou Tradição eclesial latino-americana, está em seus primeiros passos. Assim como muito do que o Vaticano II vislumbrou ainda está por se alcançar, várias orientações que nasceram em Medellín ainda não se realizaram plenamente. Tem-se consciência, porém, de que a velocidade das mudanças faz com que nem tudo o que se vislumbrou naquele momento histórico poderá ter lugar e eficácia no presente pós-moderno e de globalização exacerbada.

Para seguir o caminho aberto pelo Concílio e seguido, de modo criativo, em Medellín, a Igreja tem muitos desafios e possibilidades para prosseguir comunicando a Boa Nova como vida e força humanizadora. Entre os muitos espaços que ela tem para o cumprimento de seu papel como servidora do Cristo e do Reino de Deus, destaca-se a educação, que deve visar à humanização das pessoas individuais e dessas nas relações entre si e da própria história. A educação libertadora visa, em última análise, à realização do ser humano como alguém vocacionado a viver em liberdade e, responsabilmente, voltado para a história presente, em busca da justiça e da paz e, ao mesmo tempo, aberto ao transcendente.

Portanto, a Igreja, que, desde Medellín, atualiza a missão de Jesus Cristo Libertador, é chamada a desempenhar seu serviço em contínua conversão desde o coração de cada um de seus membros, testemunhando a “opção missionária” (EG 27). No contínuo amadurecimento do seguimento de Jesus e transmitindo os valores do Evangelho do Reino de Deus, a Igreja latino-americana vai tecendo as relações necessárias entre a história, a vida humana – particularmente a dos seres humanos mais vulneráveis – e o desígnio divino de salvação. Em seu horizonte, estão sempre presentes as alegrias e esperanças dos seres humanos (GS 1), em meio a adversidades próprias da história humana, e o desejo de chegar à plena comunhão com Deus quando Ele mesmo “será tudo em todos” (1Cor 15,28).

Referências

- AGEJAS ESTEBAN, J. Ángel; GARCÍA RAMOS, J. Manuel; RUIZ VARELA, Gemma. Educación y nuevos entornos virtuales y tecnológicos. *Ecclesia: revista de cultura católica*, Roma, v. 32, n. 2, p. 193-211, maio/ago. 2018.
- ALBUQUERQUE, F. das Chagas de. Teologia da Libertação na pós-modernidade: contribuição à humanização. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 289-316, mai/ago. 2016.
- ARRUDA, Marcos. *Humanizar lo infrahumano: la formación del ser humano integral: homo evolutivo, praxis e economía solidaria*. Barcelona: Icaria, 2005.
- BINGEMER, M. Clara Lucchetti. Aprofundar o Pacto: Espiritualidade e conversão a partir dos pobres. In: PIKAZA, Xavier; ANTUNES DA SILVA, José. *O pacto das catacumbas: a missão dos pobres na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BOFF, C. A originalidade histórica de Medellín. *Convergência: Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil*, Rio de Janeiro, v. XXXIII, n. 317, p. 568-576. nov. 1998.
- BRANDÃO VILELA, Avelar. Apresentação. In: CELAM. *Medellín – Conclusiones. II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano: La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del concilio*. CELAM: Bogotá, 2008. (II Conclusiones).
- CODINA, Víctor. Las ponencias de Medellín. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 59-76, jan./abr. 2018.
- COMBLIN, J. Medellín y el quehacer teológico hoy. *Revista Vida Consagrada*, Medellín, v. 5, p. 170-196, jun. 2009.
- _____. Reflexões sobre a Condição Concreta da Evangelização Hoje. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 27, n. 3, p. 570-597, 1967.
- CONGAR, Y. *La Tradition et la vie de l'Église*. Paris: Cerf, 1984.
- _____. *Pour une Église servente et pauvre*. Paris: Cerf, 1963.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO – CELAM. *Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo: Conferências Generales del Episcopado Latinoamericano*. Bogotá: Santa Fé de Bogotá, 1994.

_____. *La Iglesia en la actual transformación de America Latina a la luz del Concilio Vaticano II: ponencias*. Buenos Aires: BONUM, 1969.

_____. *La Iglesia en la actual transformación de America Latina a la luz del Concilio Vaticano II: conclusiones*. Bogotá: Secretariado General del CELAM, 1968. (Conclusiones)

_____. *Conclusões da Conferência de Medellín- 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Santo Domingo: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1980.

_____. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

DRUETTA, Della Crovi. A trama reticular da educação: uma perspectiva desde a comunicação. In: APARICI, Roberto (Org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 121-142.

DUSSEL, H. D. *História de la Iglesia en America Latina: coloniaje y libertación 1492/1983*. Madrid: Mundo Negro-Esquila Misional, 1983.

ELLACURÍA, I. La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1990. p. 127-153. Vol. II. EQUIPO SELADOC. *Panorama de la teología latino-americana VII. Educación e Iglesia en América Latina*. Salamanca: Sígueme, 1987.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Madrid: San Pablo, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUTIÉRREZ, Gustavo. A violência de um sistema. *Concilium*, n. 160, p. 127-136, 1980/10.

JUAN XXIII, Papa. *Juan XXIII y Pablo VI explican el Concilio*. Bilbao: Declée De Brouwer, 1967.

LIBANIO, J. Batista. *Educação Católica: atuais tendências*. São Paulo: Loyola, 1983.

_____. *Utopia e esperança: “A esperança não engana” (Rm 5,5)*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007

_____. Gli influssi sull'insegnamento teologico in América Latina del viaggio e dei discorsi di Paulo VI in Colombia. In: ROSSI, Rodolfo (Org.). *I viaggi apostolici di Paolo VI: colloquio Internazionale di studio – Brescia, 21-22-23 settembre 2001*. Roma: Studium Roma, 2004. p. 125-140.

LION, C. Nuevas maneras de pensar tempos, especios y sujetos. In: LITWIN, E. *Tecnologias educativas em tempos de Internet*. Madrid: Amorrortu, 2005.

- MARINS *et al.* *De Medellín a Puebla: a práxis dos Padres da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MIRANDA, Mario de França. A experiência do Espírito Santo: abordagem teológica. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 30, n. 81, p. 161-181, mai/ago. 1998.
- PAULO VI, Papa. Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*. São Paulo: Paulus, 1997.
- PONTIFICIA COMISIÓN PARA AMÉRICA LATINA. *Pablo VI: profeta de la evangelización – 151 testimonios de Obispos latino-americanos*. Madrid: EDIBESA, 2003.
- PONTIFICIA COMISIÓN PARA AMÉRICA LATINA. *La emergencia educativa y la traditio de la fe a las nuevas generaciones latinoamericanas: actas Reunión Plenaria*. Roma: Vaticana, 2014.
- POTTMEYER, Hermann J. Tradição. In: FISICHELLA, R.; LATOURELLE, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 115-120.
- RAHNER, Karl. Significado permanente del Vaticano II. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 31, n. 121, p. 31-39, out./dez. 1992.
- _____. *Vaticano II: começo de uma renovação*. São Paulo: Herder, 1966.
- RAHNER, K.; RATZINGER, J. *Revelación y tradición*. Barcelona: Herder, 2005.
- SAAVEDRA, Luis Martinez. *La converiaon des Églises latino-américaines: de Medellín à Aparecida (1969-2007)*. Paris: Karthala, 2011.
- SCATENNA, Silvia. *In populo pauperum: la Chiesa latainoamericana dal Concilio a Medellín (1962-1968)*. Bologna: Il Mulino, 2007.
- SILVA, Sebastião da. Educação: um instrumento para a humanização preparando o homem para o terceiro milênio – civilização do amor. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 5, n. 20, p. 9-19, 1997.
- SOBRINO, J. Humanizar uma civilização enferma. *Concilium*, Petrópolis, n. 329, s. 1, p. 70-80, 2009.
- _____. Opción por los pobres. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/251.htm>>. Acesso em: 16 out. 2018.
- _____. Igreja dos pobres: Vaticano II, Medellín, Romero. In: PIKAZA, Xavier; ANTUNES DA SILVA, José. *O pacto das catacumbas: a missão dos pobres na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- SUESS, Paulo. Medellín e os sinais dos tempos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 232, p. 852-870, dez. 1998.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docente e formação profissional*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VEEN, Wim; BEN, Vrakking. *Homo Zappiens: educando na era digital*. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Arned, 2009.